

UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O HOMEM MISERÁVEL EM “CLAUDE GUEUX”, “OS MISERÁVEIS”, AMBOS DE VICTOR HUGO, E NA ADAPTAÇÃO DA OBRA PARA O CORDEL, DE KLÉVISSON VIANA

Renata Beatriz de Oliveira Vieira (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Margarida da Silveira Corsi (Orientador). E-mail: ra115703@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes /Literatura comparada.

Palavras-chave: Literatura comparada; Victor Hugo; Cordel.

RESUMO

Esta pesquisa realizou uma análise comparativa entre o romance “Os Miseráveis”, o conto “Claude Gueux”, de Victor Hugo, e “Os Miseráveis em cordel”, de Klévisson Viana. Desse modo, embora o eixo temático das três obras seja semelhante, isto é, a representação do “homem miserável”, que rouba para sustentar a família e enfrenta o punitivismo do sistema prisional e o isolamento social, a figura do “miserável” ganha nuances diferentes em cada exemplar, visto que as obras, embora interligadas, possuem distinções relacionadas aos diferentes contextos sócio-históricos (França do século XIX e Brasil do século XXI), gêneros textuais (conto, romance e cordel) e/ou construções narrativas. Para atender ao objetivo de análise, este projeto teve por alicerce uma investigação dos autores em seus determinados contextos históricos, bem como das teorias que sustentam os estudos acerca do romance e do cordel, como com Lukács (2000), Candido (2000) e Jahn (2010). Outrossim, conclui-se que um mesmo tema central pode ter o seu significado ampliado ou ressignificado em diferentes representações literárias, a depender de fatores relacionados à forma e conteúdo, especialmente no caso da tradução para o cordel, importante para relacionarmos as reflexões de Hugo à nossa realidade.

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a literatura atua como forma mediadora entre o ser humano e o mundo, a ficção e o real, ao mesmo tempo em que molda e é moldada pela cultura em um processo dialético, torna-se inviável desassociar a obra literária de seu aspecto humano, social. Nessa perspectiva, as obras “Os Miseráveis” (1862), e “Claude Gueux” (1834) demonstram o caráter socialmente engajado da literatura de Victor Hugo, escritor republicano do século XIX, período marcado por agitações revolucionárias. Assim, as narrativas em análise possuem um mesmo fio condutor: denunciar as injustiças sociais, decorrentes não apenas das relações com o outro, mas também da forma de organização da sociedade, que negligenciam os necessitados, empregam mecanismos punitivos através da lei e, especialmente em “Claude Gueux”, utilizam da pena de morte. Dessa forma, Victor

Hugo constrói a imagem do miserável como produto da decadência social, individualmente punido pela miséria historicamente perpetuada.

Nesse contexto, o miserável de Victor Hugo representa não apenas o arquétipo do personagem romântico e político do século XIX, mas também a solidão de um ser humano renegado e à margem da sociedade. Assim, torna-se possível interpretar a obra e os seus personagens a partir dos estudos acerca do romance apresentados e desenvolvidos por Lukács (2000) e Candido (2000). A adaptação *Os Miseráveis em cordel* (2008), de Klévisson Viana, reforça a permanência dessas reflexões no mundo moderno, permitindo que, mesmo em contexto distinto do francês, a desigualdade social continue sendo uma realidade.

Importa, portanto, analisar as três obras em suas especificidades narrativas para sustentar a pesquisa comparativa, considerando que o Romantismo francês apresenta uma temática nobre, enquanto o cordel, gênero popular marcado pela oralidade, ressignifica a obra de Hugo ao contexto brasileiro. Para essa análise cordelista, autores como Jahn (2010), entre outros, foram fundamentais. Assim, propõe-se mostrar como são representados os personagens em diferentes gêneros e contextos, a fim de compreender a permanência e a ressignificação dessas reflexões na atualidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho parte da pesquisa bibliográfica acerca da literatura de Victor Hugo e Klévisson Viana, a fim de, em seguida, analisá-las comparativamente com relação à estrutura composicional, à trama, ao contexto histórico e ao hibridismo de gênero, visando averiguar em quais sentidos as leituras podem ter o seu sentido ampliado ou ressignificado, especialmente com relação às representações da personagem “miserável” nas obras. Para tal, autores como Lukács (2000), Candido (2000) e Jahn (2010) tornaram-se fundamentais para a reflexão da obra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Publicado em 1862, *Os Miseráveis* foi escrito pelo francês Victor Hugo (1802 – 1885) durante seu exílio, constituindo-se como obra que retrata os “miseráveis” da sociedade, cujas esperanças são constantemente frustradas. Jean Valjean, protagonista condenado por dezenove anos por roubar pão para alimentar a família, simboliza o homem abandonado pela sociedade, mas também a possibilidade de redenção moral. A narrativa percorre episódios históricos da França entre 1795 e 1832, situando-se no Romantismo francês, movimento no qual, como aponta Candido (2000), a palavra limita a expressão do *eu* em sua relação com o mundo, isto é, torna-se inferiorizada com relação ao cosmos ao qual tenta representar, constituindo, assim, o indivíduo incompreendido. Em *A teoria do romance*, Lukács (2000) associa essa fragmentação à crise da totalidade moderna, que já não podia ser encoberta diante da expansão do imperialismo capitalista e da guerra, em que o romance reflete o desamparo do indivíduo fragilizado.

Desse modo, Jean Valjean encarna o criminoso redimido a partir do encontro com o bispo Myriel, arquétipo da bondade cristã. Assim, *Os Miseráveis* apresenta o caráter de redenção moral figurado no protagonista, estipulando autor não apenas como um romântico, bem como um pensador progressista e cristão: Jean Valjean representa, portanto, o ideal romântico, progressista e religioso defendido por Hugo.

Já o caso de *Claude Gueux* (1832) ilustra bem a relação estabelecida por Marx quando aponta que àquele que não aceita ser vítima ou carrasco – as únicas possibilidades de existência capitalista –, resta o suicídio. Claude Gueux, um operário, rouba um pão para alimentar a sua criança e é condenado a 5 anos de prisão. Por motivos passionais, o protagonista assassina o diretor da prisão, tenta cometer suicídio, fracassa e é posteriormente condenado à morte. A obra, considerada um apelo de Hugo contra a pena de morte, apresenta Claude como ítima e carrasco: vítima pois injustiçado, carrasco pois assassino. Desse modo, sobra a Claude Gueux o suicídio como resposta à “sociedade selvagem”. Assim, compreende-se que, mesmo com uma narrativa que difere daquela apresentada em *Os Miseráveis*, há semelhanças quanto à sua denúncia social.

Dessa forma, os miseráveis de Hugo refletem a crítica social, religiosa e política de seu tempo, representando personagens isolados em meio a uma sociedade em ruínas, cuja desumanidade persiste como denúncia universal.

Por sua vez, o gênero cordel é estruturalmente definido pela utilização de estrofes em quadras, sextilhas, setilhas ou décimas, sendo um gênero de origem notadamente popular, influenciado pela oralidade e, no geral, de linguagem marcada por regionalismos. No caso de *Os Miseráveis em cordel*, a obra é composta por sextilhas com versos heptassílabos, seguindo o padrão esperado para um cordel.

A oralidade cordelista não apenas amplia a democratização do gênero, como também intensifica sua potência estética e fruição literária. O ritmo e a rima fomentam uma experiência com a leitura que supera o papel e se insere no cotidiano do leitor-ouvinte, que lê o folheto cantando, acostumado à doçura do verso.

Quanto ao exposto, percebe-se, no cordel, uma forte relação com o âmbito jornalístico. A literatura de cordel está dentro de um panorama que Jahn (2010) denomina de “folkjournalism”. No caso de *Os Miseráveis em cordel*, a obra apresenta-se como protesto contra a opressão e desigualdade social. Viana recria a narrativa de Hugo e a traduz para o universo cultural brasileiro, com variações orais como “pra” e xilogravuras que misturam elementos europeus e nordestinos. Além disso, a literatura de cordel representa uma transgressão ao *modus operandi* do cânone literário, permitindo à classe trabalhadora ser *portadora* de uma voz. O cordel retoma ao trabalhador sua autonomia de expressão e à literatura a pluralidade de vozes e perspectivas que democratizam a experiência artística.

Quanto à temática, o cordel pode compor-se de temas cotidianos e mundanos, histórias épicas e problemáticas sociais. Os personagens são geralmente lineares e maniqueístas. Em *Os Miseráveis*, Fantine representa o eixo das mulheres virtuosas perseguidas; Mário e Cosette, os amores contrariados; Jean Valjean, os embates entre poderosos e justos, características que são coerentes com os temas cordelistas, fato que relaciona a obra de Victor Hugo com ideais do fazer literário cordelista.

Em *Os Miseráveis em cordel*, a coletividade da injustiça e o potencial de revolta encontram amparo na mudança de gênero. O romance representa a realidade capitalista por excelência, com leitura solitária e individualista. O cordel, por sua vez, apresenta o sofrimento como fenômeno coletivo. A mudança de gênero torna-se significativa: as mazelas sociais são recitadas, escutadas e discutidas na coletividade. Estabelecida a associação cordel/leitor, torna-se possível compreender a conceituação da literatura de cordel como expressão genuína do espírito nacional de um povo, modelado por suas crenças, valores e viver histórico.

CONCLUSÕES

Desse modo, as três obras, embora distintas em gênero – conto, romance e cordel – e em contexto de produção – França do século XIX e Brasil contemporâneo –, dialogam entre si na exposição das múltiplas faces da miséria humana. Contudo, todas se voltam para a permanência de um mesmo problema: a exclusão social e a perpetuação da injustiça em diferentes épocas e lugares. Em última instância, a força dessas narrativas está na sua capacidade de evidenciar como a desigualdade é sustentada por estruturas sociais e políticas, ao mesmo tempo em que convidam o leitor a imaginar saídas possíveis, um movimento de revolta de uma memória coletiva que luta pela esperança de transformação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UEM, ao CNPq e à minha orientadora por todo o apoio.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

HUGO, V. **Claude Gueux**. Paris: GF Flammarion, 2010.

HUGO, V. **Os miseráveis**. SP: Martin Claret, 2007.

JAHN, L. P. Klévisson Viana e a poesia de cordel do século XXI: *mass media* e folkcomunicação. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 41, dezembro de 2010. p. 113-130.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

VIANA, K. **Os miseráveis em cordel**. SP: Nova Alexandria, 2008.